

OS PROFETAS ESTÃO PRESENTES: O APELO POR JUSTIÇA E COMPAIXÃO EM ABRAHAM HESCHEL

Narcélio Ferreira de Lima²²

RESUMO

O pensamento filosófico-teológico e ativismo social do rabino polonês Abraham Joshua Heschel (1907-1972) lhe renderam o título de “profeta do Antigo Testamento”, porque, imbuído por um profundo conhecimento da Toráh e dos profetas hebreus, também está entre os principais nomes do diálogo judaico-cristão do século XX e os grandes defensores dos direitos humanos, sobretudo perante contexto da Segunda Guerra Mundial e Guerra do Vietnã. O presente trabalho intenciona dar evidência às principais ideias e atitudes deste pensador e sublinhar a importância da profecia bíblica para nosso atual contexto religioso e social pelas lentes da ética e amor dos profetas. Nosso principal ponto de partida é uma redefinição, proposta por Heschel, da vocação profética e o aprofundamento de algumas categorias de sua teologia, em especial as ideias de “justiça” e “compaixão”, duas visões ou exigências poderosas e inseparáveis sobre Deus, também assumidas e encarnadas pelos profetas. Para tal, nos valeremos de levantamento bibliográfico, com ênfase para as mais relevantes publicações de Heschel e de alguns pensadores da temática em questão, e do método hermenêutico, procurando aproximar a teologia/religião profética da atualidade. Neste percurso, é possível constatar que os profetas e profetisas da Bíblia não são figuras míticas ou distantes, e que a profecia não é questão encerrada ou “desmistificada”, mas que a pessoa e a mensagem proféticas são antes uma voz que conseguiu atravessar e iluminar gerações por mais de três milênios, continuando a apelar por um constante autodiscernimento, alertando para a insensibilidade à maldade e apego ao poder. A constatação da hodierna escassez de líderes religiosos e políticos que despertem a imaginação e fidelidade de nossos homens e mulheres só reforça a atualidade e relevância desses personagens pelos quais a Bíblia nos veio.

PALAVRAS-CHAVE: Heschel. Profetas. Justiça. Compaixão.

1 INTRODUÇÃO

Já imbuído na pesquisa sobre os profetas hebreus e nos trabalhos da publicação de “O mundo interior dos profetas bíblicos” (2021), senti-me empolgado com a realização da *III Semana de Teologia, Filosofia e Estudos da Religião e III Colóquio Filosófico: Filosofia e Religião*, evento organizado pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN) em parceria com UNICAP e UERN, cuja temática “Religião e Cidadania” bem relacionou-se ao nosso objeto de estudo (profetas), a fim de *tecer diálogos e construir novos horizontes*.

²² Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGO), bolsista CAPES/PROSUC, graduado em Teologia (2019) e Filosofia (2013) pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: fraternascelius@gmail.com.

Justiça e compaixão movem profetas de ontem e de hoje em um amor especial pela palavra do Senhor, pois o que faz de uma pessoa *profeta*, em sentido bíblico, não é apenas a capacidade de ser alvo de uma revelação, “sua verdadeira grandeza consiste em sua habilidade de prender a Deus e ao homem em um mesmo pensamento” (HESCHEL, 1973a, p. 62), e ainda mais, é ser capaz de ir além do êxtase, movendo-se a passos largos para salvação do povo.

É assim que o profeta se porta diante da revelação, sente-se um parceiro de Deus e responsável pela salvação do mundo criado. Por isso, ele consegue ir além do êxtase, vai captando a vontade de Deus, não está preso aos conceitos filosóficos que se tem acerca de Deus, nem a uma vida ou religião sentimentalista (LIMA, 2021, p. 40).

Tais atributos ou visões (justiça e misericórdia) personificam a instauração do reino de Deus no mundo e no coração humano: “Amor e Verdade se encontram, Justiça e Paz se abraçam; da terra germinará a Verdade, e a Justiça se inclinará do céu” (Sl 85,11-12). Não se trata de ideias, mas antes de *exigências*, mostram na literatura sagrada duas dimensões da vida divina que também devem ser compartilhadas com o ser humano, duas poderosas visões de mundo no judaísmo: “Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade, e te sujeitares a caminhar com teu Deus!” (Mq 6,8).

Esta presente reflexão estrutura-se em três tópicos. No primeiro momento, buscaremos refletir a essência do que seja a pessoa e a vocação profética no Primeiro Testamento. Em seguida, apresentaremos essas duas visões judaico-hassídicas de mundo, que revelam dois grandes atributos ou exigências de Deus a partir da perspectiva bíblica e teológica de Abraham Heschel; e, por fim, uma elucidação de como a profecia bíblica pode se apresentar como uma forma de espiritualidade no mundo contemporâneo, revelando sua atualidade e validade.

2 OS PROFETAS ESTÃO PRESENTES: O APELO POR JUSTIÇA E COMPAIXÃO EM ABRAHAM HESCHEL

Na doutrina hescheliana, os profetas hebreus são apresentados, a partir da Bíblia Hebraica, como personagens *sui generis* frente aos conhecidos sortílegos, astrólogos, místicos, adivinhos e outras figuras exóticas ao mundo extra bíblico porque

o profeta não busca inspiração; vem contra sua vontade, pois ele é apreendido por Deus. Sem preparação ou incentivo, o profeta é chamado para ouvir a voz de Deus [...].

Enquanto o místico é absorvido pelo infinito, o profeta está preocupado com o finito (MOORE, 1989, p. 256-257).

Ser profeta significa compreender o mundo a partir da visão divina, é compartilhar o *pathos* de Deus, comunicá-lo e testemunhá-lo. Portanto, o profetismo hebraico não é apenas uma forma de pensar, mas de viver. Por causa de tal visão, nada poderia deixar os profetas mais irados que a capacidade dos homens e mulheres para o mal, por isso eles se encontravam na maioria das vezes em conflito com sua sociedade, estavam moralmente inadaptados.

Quando os profetas, então, descrevem como a ira de Deus acendeu, é porque os direitos dos pobres são violados ou porque viúvas e órfãos são oprimidos, não é a crueldade de Deus, mas a preocupação de Deus que eles estão transmitindo (MOORE, 1989, p. 249).

Vendo-se não apenas como contemplativos da revelação, mas convulsionados pelo *pathos* a falar e a atuar em nome de Deus, os profetas serão identificados no pensamento hescheliano como *homo sympathetikos*, e a religião profética como religião de simpatia, sempre se ocupando com a história e com assuntos que continuam a tocar a existência humana.

2.1 Que tipo de pessoa é o profeta bíblico

Quando se fala sobre predição do futuro ou contato entre um(a) deus(a) e o ser humano, a figura que se destaca, com certeza, é a do *prophetes*. A grosso modo, costuma-se classificá-lo de “mensageiro”, mas também pode ser relacionado com vidente, adivinho, extático, ou seja, com uma figura exótica, o que pode revelar a forte herança da literatura grega; basta lembrar da sacerdotisa Pítia no oráculo de Delfos. Mas é preciso observar que as figuras proféticas da Bíblia trazem algumas distinções muito evidentes das demais presentes no mundo extra bíblico.

Sicre Díaz (2016) notou que a *Tanakh* utiliza diferentes termos para designar seus profetas, podendo ser *ro'eh* (vidente), *rozeh* (visionário) *'ish 'elohim* (homem de Deus), *nabî* (profeta) ou uma visão conjunta que foi desenvolvida pela tradição posterior. Heschel (1973b,

p. 189-192) acredita que a origem terminológica exata de *nabî* ainda parece obscura. Há disputa entre a forma verbal *nibá* e *hitnabé*, provavelmente associada ao verbo *nabú* (chamar), ao passivo *mashiah* (messias, ungido), *nathin* (um serviçal do Templo) ou *asir* (prisioneiro), passando a ilustrar alguém que sofre uma ação externa. Seria, então, a pessoa que recebeu de Deus um chamado especial ou alguém que possa sofrer influência de um demônio ou deus falso.

Nas religiões extáticas, os profetas deveriam chamar a atenção, obter controle ou procurar meios de comunicação com as divindades, o que poderia se dar entre preces, música, dança, uso de narcóticos, álcool ou técnicas de contemplação e meditação. O êxtase, que pode ser contemplativo ou frenético, é uma forma de autoextinção do eu, onde a pessoa busca fundir-se com a divindade, a fim de adquirir dotes sobrenaturais ou forma elevada de sabedoria.

Já na Bíblia, o profeta não é capaz de provocar uma revelação, nem sequer por meio da oração. É Deus que tem a iniciativa de procurar o ser humano, e essa realidade já está presente nas primeiras páginas da Bíblia, na pergunta de Deus pelo Homem (“Onde estás?” – Gn 1,9). Trata-se de alguém que foi buscado e encontrado por Deus, que sempre toma a iniciativa nas relações com a humanidade. Portanto, no mundo bíblico, o profeta é,

antes de tudo, alguém que foi chamado. É o chamado que define realmente o profeta. Sua vocação nasce no meio de um povo também eleito. É no meio deste povo que se deve entender o sentido da vocação profética: orientar Israel para que caminhe na fé e na obediência diante do Senhor (ALONSO SCHÖKEL; SICRE DÍAZ, 1988, p. 31).

Essa relação ocorre em meio a uma teofania ou encontro, aqui não há perda de identidade, Deus continua sendo Deus e o profeta seu servo, onde os dois podem dialogar. Mas outro distintivo importante é a capacidade de ir além do êxtase. Sendo duas as etapas na profecia bíblica: *revelação e comunicação*, ele é impelido a agir com passos largos para a salvação de seu povo. Assim, “o profeta não é somente um profeta. É também um poeta, um pregador, um patriota, um estadista, um crítico social, um moralista” (HESCHEL, 1973a, p. 21). Ele comunica a Palavra com a própria vida, tornando-se assim uma testemunha e um ponto de vista.

O profeta hebreu é um parceiro de Deus, um servo, vigia, confidente, pessoa a quem a mão de Deus pode repousar. Atento a todo e qualquer sinal de infidelidade à Aliança divina, maldade ou injustiça, ele não se contenta com o êxtase porque sabe que “o que mitigará a

miséria do mundo, a injustiça da sociedade ou a alienação das pessoas a Deus não é o simples sentimento, e sim a ação. Somente a ação aliviará a tensão entre Deus e o homem” (HESCHEL, 1973b, p. 13). Essa compaixão e ética encontram-se na natureza divina e são compartilhadas pela pessoa do profeta, ao mesmo tempo que é um apelo de Deus para toda a humanidade.

2.2 Dois atributos divinos ou visões judaico-hassídicas de mundo

Oriundo do círculo dos *hassidim*²³ – corrente de mística e piedade judaica que intenciona resgatar os valores essenciais do judaísmo na (pós)modernidade –, Abraham Heschel descende de ilustres nomes, como o rabi Israel ben Eliezer (1700-1760), conhecido como “Baal Shem Tov”, fundador desse movimento que, por sua vez, pregou um hassidismo por misericórdia, compaixão e alegria, reconhecendo a presença de Deus nos seres, nas coisas e nos eventos, e do rabi Menachem Mendel de Kotzk (1787-1859), expressando um hassidismo de indignação com este mundo e sentindo sua dor, portanto, a justiça severa frente ao pecado e à corrupção, o que exigiria uma redenção cósmica.

O conhecimento de Deus ao humano não se dá por meio de via teórica, mas por uma práxis. É somente por meio da bondade humana que se pode conhecê-lo, ou melhor, através de um comportamento que evidencie compaixão e justiça. É exatamente aqui onde Deus e o ser humano têm uma tarefa comum: *dar significado à existência e à criação*. É por esse motivo que o judaísmo não concebe separação entre ética e religião, entre fé e vida.

[...] Isto implica toda uma visão do mundo e do homem. O mundo criado por Deus é ordem e justiça. O pecado é a desordem e injustiça (que é uma desordem social). O pecado provoca o dismantelo da criação, dismantela e desarmoniza todas as forças do universo, [...] o pecado destrói a harmonia entre o Céu e a terra, entre Deus e os homens, e o universo volta ao caos. O julgamento de Deus restabelece a ordem do universo e a harmonia dos homens e da criação perturbadas pelo pecado. Na desordem, a criação se desfaz, na ordem, ela se diviniza (Is 11,5-9) (TILLESSE, 1984, p. 15).

²³ Hassidim é plural da palavra *hesed* (ou *chesed*), comumente traduzido por amor, misericórdia, bondade, piedade, compaixão. Para o mundo judaico, essa expressão não significa apenas um sentimento, mas refere-se a um dos mais poderosos e necessários componentes da vida. Os hassidistas também são chamados de “piedosos”.

Embora não haja comprovação expressa, Almeida (2019, p. 137-138) sustenta a hipótese de Paolo Gamberini, segundo a qual Heschel teria identificado muitas das ideias de Kotzk com as do filósofo e teólogo Sören Kierkegaard (1813-1855), esses dois que o influenciaram desde a juventude, o que teria dado origem a um de seus grandes conceitos-chave: a noção de *pathos* divino, o que ele traduz como “a característica fundamental da realidade divina, presente na consciência dos profetas” (HESCHEL, 1973b, p. 9). Nada mais é que o amor divino lançando uma ponte entre o abismo que separava Deus e o ser humano.

É por isso que Heschel dedicou muita atenção aos profetas hebreus. Para iluminar a sociedade no tempo em que viveu, não recorreu a Marx, Durkheim, Freud, Nietzsche etc., mas a estas figuras que se destacam nas relações entre Deus e o ser humano, sublinhando sua compaixão e seu radicalismo ético, como notou Mordecai Kaplan (1972, p. 18). Amor e justiça ajudaram estas figuras a compilarem a Bíblia, a iluminar gerações por três milênios, portanto, podendo ser considerados(as) “guias da humanidade” e inspiradores(as) de ricos *insights*.

Nessa perspectiva, não há contradição entre justiça e misericórdia, entre ética e bondade. São atributos divinos, mas também valores compartilhados pelos humanos e fortemente promovidos pelos profetas. A justiça divina é misericordiosa e sua misericórdia é justa. A visão bíblica do humano é, portanto, unitária, pois jamais concebe divisão das faculdades psíquicas, nunca desvinculando a estrutura espiritual de suas paixões, pois do contrário, estaria traindo aquela verdade bíblica fundamental que diz:

Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração! (Dt 6,4-6).

Deus é mais que um senhor e amo, é pai (Is 1,2-4; 30,1; Jr 31,9), e os profetas revelam-nos essa dimensão divina totalmente interessada e misericordiosa ante os problemas da humanidade, embora Ele permaneça *O Santo*, separado, transcendente... Mostra-se pai de todos, não apenas juiz; amante, não apenas rei. Ao mesmo tempo, não tolera a maldade, é sobretudo um Deus de justiça, não um mero protetor, que até em sua cólera revela compaixão, apelos, desejo de salvação.

2.3 De que forma a profecia bíblica pode se manter viva hoje

Comentando o humanismo de Heschel, Alexandre Leone (2002, p. 156) nos recorda que “a vida humana é a única coisa considerada intrinsecamente sagrada, a única coisa de supremo valor”, trata-se da única entidade a qual Deus associou, de fato, à santidade. Feito à *tzelem Elohim* (imagem de Deus), o ser humano obtém um status único perante Deus e a natureza, pois recebendo a *ruach* divina, é convidado a ser um cocriador com Deus, um parceiro na vida divina, uma eterna preocupação do Eterno.

Para Abraham Heschel, “a imagem do homem tem dimensões maiores que a do marco no que se encontra. Para ser humano, o homem deve ser mais que homem. Na existência humana tem um valor divino” (HESCHEL, 2010, p. 89). Os profetas foram profundamente humanos, sua misericórdia pela humanidade e justiça os fizeram *experts* em captar o eco divino, mas também os tornaram peritos nas questões de seu povo, solidarizando-os com este.

Eles souberam assumir essa imagem divina até as últimas consequências, por isso podemos dizer que eles representam o gênero humano nessa aventura conjunta da busca de Deus pelas suas criaturas e do anseio humano em (re)encontrar o transcendente. Ser imagem, no entender hescheliano, quer dizer ser “símbolo”²⁴ do Criador, de forma real e imediata.

Já que os profetas e profetisas são as figuras que se destacam nas intermediações entre Deus e a humanidade, e que o povo de Deus, por natureza e vocação, é apelado a ser sacerdotal, real e profético, vale lembrar as palavras de Moisés: “Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta, dando-lhe Iahweh o seu espírito!” (Nm 11,29).

A profecia não deve ser vista como uma atividade isolada da própria vocação do povo, reservada apenas a um grupo carismático particular, mas como uma dimensão do chamado divino ao ser humano, este feito imagem e semelhança de seu Criador e responsável pela aliança com Aquele que constantemente busca o ser humano e lhe interroga “Onde estás?” (Gn 1,9).

Heschel assegura que “a profecia tem cessado; os profetas perduram e somente se pode ignorá-los com o risco de nosso próprio desespero. Cabe a nós decidir se a liberdade é

²⁴ Heschel (1974, p. 151) distingue dois tipos de símbolos: os *convencionais*, que representam uma realidade por analogia ou convenção, não partilhando de sua realidade e possuindo objetivo apenas de relacionar, e os símbolos *reais*, que partilham da realidade de uma determinada entidade, como é o caso do ser humano perante Deus.

autoafirmação ou resposta a uma demanda; se a situação final é de conflito ou de inquietude” (HESCHEL, 1973a, p. 31).

O drama divino-humano moveu Deus e os seres humanos no passado e continua a relacionar os dois em um profundo intercâmbio. “O que temos nós e o povo da Bíblia em comum? As ansiedades e os prazeres da vida; o sentido da beleza e a resistência a ele; a consciência de estar afastado de Deus e momentos de anelo para encontrar um caminho até ele” (HESCHEL, 1975, p. 43). Assim, a profecia hebraica se mostra, como sempre, uma rica fonte de espiritualidade para a contemporaneidade, no apelo por ética, compaixão, solidariedade, preocupação e responsabilidade para com o outro, especialmente pelos que mais sofrem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profetas são humanos, e a profecia bíblica se aproxima de nossa realidade contemporânea porque, assim como nós, eles se deparavam com a eterna problemática entre o bem e o mal, entre luz e treva, vida e morte, amor e ódio etc. A mística dessas figuras sempre deve nos remeter a uma espiritualidade de compartilhamento do *pathos* divino, ou seja, de responsabilidade e preocupação para com todos os seres humanos.

O Deus da Bíblia é reconhecido por seu amor e justiça, por isso, na profecia de Oseias, amar a Deus significa conhecê-lo; esse profeta encarna uma tensão dramática cujo maior motivo é o amor entre Deus e seu povo. Para Habacuc, o castigo vindo a Israel pelos caldeus é fruto da justiça divina (Hab 1,11), mas reconhece o operar do amor de Iahweh e a proclamação dos profetas (Hb 1,14). Amós insiste em dizer que a justiça é o grande interesse divino e apela para um retorno à Aliança, isto é, ao amor de Deus. O Deus de Isaías é um Deus justo e redentor, ansioso para perdoar (Is 1,18). Miqueias profetiza castigo, mas reconhece a bondade e o perdão divino (Mq 7,18-20). Jeremias, mesmo sofrendo física e espiritualmente, tem por grande premissa o amor de Deus por Israel (Jr 31,2-3).

Como se vê, “atrás das várias manifestações do seu *pathos* há um motivo, uma necessidade: a necessidade divina da justiça humana” (HESCHEL, 1974b, p. 250). Deus se interessa pela causa da viúva e do órfão, ou seja, pelo destino dos homens e mulheres. Por sua vez, é possível honrar a Deus servindo-o em nossos semelhantes.

Comungar com os profetas pode nos tornar *um* para Deus. Unindo-nos uma vez a esse Deus justo e amoroso, será impossível compactuar com a insensibilidade, com a maldade, com o apego ao poder e com as falsas sensações de liberdade proporcionadas pelo mundo. “Os profetas eram revolucionários. Os profetas não buscavam o aplauso do Sistema. Clamavam por justiça, honestidade, misericórdia e amor” (MEYER *in* HESCHEL, 1973a, p. 10). Por trás de cada profeta e profetisa da Bíblia existe amor e compaixão pela humanidade.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Edson. F. Abraham J. Heschel e a mística do pathos divino. **HORIZONTE**, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 132-147, jan./abr. 2019.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2004.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Deus em busca do homem**. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Los Profetas: el hombre y su vocación**. Supervisión de Marshall T. Meyer. Buenos Aires: Paidós, 1973a.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Los Profetas: simpatía y fenomenología**. Supervisión de Marshall T. Meyer. Buenos Aires: Paidós, 1973b.

HESCHEL, Abraham Joshua. **O Homem à procura de Deus**. São Paulo: Edições Paulinas, 1974a.

HESCHEL, Abraham Joshua. **O Homem não está só**. São Paulo: Edições Paulinas, 1974b.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Quem é o Homem?**. São Paulo: Triom, 2010.

KAPLAN, Mordecai M. **Judaism as a civilization: toward a reconstruction of American-Jewish life**. New York: The Reconstructionist Press, 1972, p. 18.

LIMA, Narcélio Ferreira de. **O mundo interior dos profetas bíblicos: vocação, paixão e ação**. 1. ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

MOORE, Donald J. **The Human and the Holy: The Spirituality of Abraham Joshua Heschel**. New York: Fordham University Press, 1989.

SICRE DÍAZ, José Luis. **Introdução ao profetismo bíblico**. Petrópolis: Vozes, 2016.

TILLESSE, Caetano Minette de. Hino da Criação. **REVISTA BÍBLICA BRASILEIRA**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 1984.